

PENSAR UM “EU MAIS VELHO” ATRAVÉS DOS MEDIA: entre o ageísmo e a (in)existência

Sara Isabel Magalhães
Conceição Nogueira

Resumo

O Envelhecimento populacional é um facto incontornável dos nossos quotidianos. Pensar sobre um “eu mais velho” (NELSON, 2011) é fundamental para se perspetivar formas alternativas de nos construirmos e vivermos em sociedade. Os media assumem assim um importante papel de (des)construção de valores, de promoção de literacia para os direitos humanos e de espaço de resistência e empoderamento. Parece-nos urgente olhar, reflexivamente, às tensões e problemas que invisibilizam, nos media, as pessoas idosas no mundo neoliberal do jovem, rápido, produtivo e de consumo. Pretende-se, assim, poder aportar elementos de ação que promovam um debate social mais diverso e o empoderamento das/os idosas/os. Partindo deste mote, propomo-nos analisar criticamente peças jornalísticas sobre envelhecimento e/ou pessoas idosas publicadas em dois jornais semanários de informação portugueses: *Jornal Sol* e *Jornal Expresso*. Recorrendo à Análise Temática (BRAUN & CLARKE, 2006) olharemos um corpus focalizado de 59 peças (28 *Jornal Expresso*, 31 *Jornal Sol*) que emergiu de uma recolha total de 1813 peças publicadas em dois anos. Globalmente, os resultados apontam para diferenças de género e desequilíbrios de poder que tornam as mulheres mais invisíveis que os homens. Há também uma falta de representações positivas do envelhecimento ou das pessoas idosas, uma escassa, quase ausente, discussão de políticas públicas e um discurso ageísta transversal que vê a velhice de uma forma paternalista e/ou infantil. Os discursos sobre o envelhecimento e a velhice refletem ainda a necessidade de intervenções de investigação-ação que promovam mudança nos discursos, representações e estruturas reduzindo a discriminação com base na idade.

Palavras-chave: Ageísmo; Jornais semanários de informação; Media; Pessoa Idosa; Portugal.

THINKING ABOUT AN “OLDER SELF” THROUGH THE MEDIA: between ageism and the (in)existence

Abstract

Population ageing is an unavoidable fact of our daily lives. Thinking about an “older self” (NELSON, 2011) is essential to envisage alternative ways of building and living in society. The media thus assume an important role in the (de)construction of values, in the promotion of literacy for human rights and as a space for resistance and empowerment. It seems urgent to us to look, reflexively, at the tensions and problems that invisibilize, in the media, the elderly in the neoliberal world of youth, fast, productivity and consumption. The aim is to provide elements for action that promote a more diverse social debate and the empowerment of older people. Based on this motto, we propose to critically analyse journalistic pieces on ageing and/or older people published in two Portuguese weekly newspapers: *Jornal Sol* and *Jornal Expresso*. Using Thematic Analysis (BRAUN & CLARKE, 2006) we will look at a focused corpus of 59 pieces (28 *Expresso*, 31 *Sol*) that emerged from a total collection of 1813 pieces published in two years. Overall, the results point to gender differences and power imbalances that make women more invisible than men. There is also a lack of positive representations of ageing or older people, a scarce, almost absent, discussion of public policies and a cross-cutting ageist discourse that views old age in a patronising and/or childish way. Discourses on ageing and old age also reflect the need for research-action interventions that promote change in discourses, representations and structures reducing age-based discrimination.

Keywords: Ageism; Weekly Newspapers; Media; Older Persons; Portugal.

PENSAR EN UN “YO MAYOR” A TRAVÉS DE LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN:

entre la discriminación por edad y la (in)existencia

Resumen

El envejecimiento de la población es un hecho inevitable en nuestro cotidiano. Pensar en un “yo mayor” (NELSON, 2011) es esencial para prever formas alternativas de construir y vivir en sociedad. Los medios de comunicación asumen así un importante rol en la (de)construcción de valores, la promoción de la alfabetización en derechos humanos y como espacio de resistencia y empoderamiento. Nos parece urgente mirar, reflexivamente, las tensiones y problemas que invisibilizan, en los medios, a los mayores en el mundo neoliberal de la juventud, rapidez, productividad y consumo. El objetivo es aportar elementos de actuación que promuevan un debate social más diverso y la capacitación de las personas mayores. Nos proponemos analizar críticamente piezas periodísticas sobre el envejecimiento y/o las personas mayores publicadas en dos semanarios portugueses: Jornal Sol y Jornal Expresso. Utilizando el Análisis Temático (BRAUN & CLARKE, 2006), examinaremos un corpus focalizado de 59 piezas (28 Expresso, 31 Sol) que surgieron de una colección total de 1813 piezas publicadas en dos años. En general, los resultados apuntan a diferencias de género y a desequilibrios de poder que hacen que las mujeres sean más invisibles que los hombres. También hay una falta de representaciones positivas del envejecimiento, un debate escaso, casi ausente, sobre políticas públicas y un discurso transversal ageísta que mira la vejez de forma paternalista y/o infantil. Los discursos sobre el envejecimiento también reflejan la necesidad de intervenciones de investigación-acción que promuevan el cambio de discursos, representaciones y estructuras que reduzcan la discriminación por motivos de edad.

Palabras clave: Envejecimiento; Periódicos semanales; Medios de comunicación; Personas mayores; Portugal.

Pensar um “eu mais velho” é pensar sobre o seu próprio percurso, é perspectivar que vivências e experiências poderão ser num futuro próximo as minhas circunstâncias. Ainda assim, na maioria das vezes pensar um “eu mais velho” é pensar em envelhecimento; é pensar numa fase da vida a que ainda não chegámos e que, de algum modo, receamos.

Desafio Demográfico

O envelhecimento populacional é uma evidência social e demográfica, contudo este desenvolvimento não tem acarretado alterações quer ao nível das percepções sociais quer ao nível das vivências e subjetividades.

Portugal, como todo o continente Europeu, tem-se destacado como um dos mais envelhecidos a nível mundial tendo sido em 2014 considerado o 3º país no ranking dos países mais envelhecidos, seguindo uma tendência iniciada décadas antes. Em 2018, dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2018) revelariam que a população com mais de 65 anos alcançava mesmo os 22% da população. Uma tendência de crescimento que se tem

mantido com a população portuguesa a ter, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) em 2020, um índice de envelhecimento¹ de 167 valores (INE, 2020).

Esta temática do envelhecimento não é, portanto, de todo recente. Aliás, desde 1975 que as Nações Unidas têm vindo a desenvolver iniciativas e a alertar para a importância deste tema. Na chamada era do envelhecimento (1975 – 2025) das Nações Unidas, destaca-se o ano de 1999 como Ano Internacional das Pessoas Idosas ou o de 2002 com a Declaração Política sobre o Envelhecimento na sequência da segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento realizada em Madrid. E mais recentemente, o início da Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030) das Nações Unidas².

Também a Comissão Europeia destacou o ano de 2012 como Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações. Nas declarações oficiais do Comité Económico e Social Europeu a este respeito destaca-se o papel da participação da pessoa idosa:

Idosos são membros dinâmicos, capazes e vitais da nossa sociedade. Transmitem conhecimento, competências e experiências para as próximas gerações. Contribuem, individualmente ou em conjunto, para a nossa economia, para as nossas comunidades e para a transmissão da nossa história. (COMITÉ ECONÓMICO E SOCIAL EUROPEU, 2013, p. C11/16)

No entanto, mesmo esta perspectiva mais positiva é ainda parcial ao não considerar as idiosincrasias individuais e como pode ser diverso o envelhecer. A idade cronológica acaba por ser apenas uma das muitas características que delimitam este grupo. “Não é por isso nem possível nem desejável tentar-se compreender a construção social do envelhecimento sem que, ao mesmo tempo que se explore a idade, se explore também outros aspetos da identidade” (APPLEBY, 2010, p. 152, Tradução nossa³).

Interseccionalidade do processo de envelhecimento

Segundo o Comité Económico e Social Europeu, “a idade cronológica é uma das muitas características que definem uma pessoa” (COMITÉ ECONÓMICO E SOCIAL EUROPEU, 2013, p. C 11/20).

A teoria da interseccionalidade⁴, enquanto desafio a uma visão integrada das múltiplas categorias sociais que compõem e (de)limitam os indivíduos, trás à reflexão sobre o envelhecimento nuances determinantes. Como refletido anteriormente,

¹ O índice de envelhecimento indica a relação entre o número de pessoas idosas por cada 100 pessoas com menos de 15 anos.

² Disponível em: <https://www.who.int/initiatives/decade-of-healthy-ageing>

³ “It is therefore neither possible nor desirable to attempt to understand the social meaning of ageing without at the same time exploring how age relates to other aspects of identity” (APPLEBY, 2010, p. 152).

⁴ “O termo em concreto foi introduzido por Kimberlé Crenshaw (1989) referindo-se à multidimensionalidade que sustenta as subjetividades e as experiências dos grupos sociais, e sobretudo a forma como estas se repercutem junto dos mais oprimidos (e.g., mulheres, negras/os, pessoas LGBT)” (MAGALHÃES, 2016, p. 276).

“discutir envelhecimento(s) implica discutir o idadismo – discriminação e acepção de pessoas por razão da sua idade – que se vive no mundo atual, discutindo as relações de poder implícitas e recorrendo à teoria da interseccionalidade já que todas as/estas vivências serão sempre determinadas pelo entrecruzar das múltiplas posições de sujeitos que todas as pessoas idosas partilham” (MAGALHÃES & NOGUEIRA, 2021, p.14).

Assim, falar de envelhecimento e idadismo é reconhecer percursos diversos marcados quer por assimetrias de género quer por políticas e práticas discriminatórias enraizadas que perspectivam a vida de homens e mulheres idosas de forma negativa centrando a sua atenção em imagens parciais de pouca saúde, dependência, senilidade ou isolamento (CLARKE, BENNETT & LIU, 2014).

Esta visão restritiva do envelhecimento contrasta de forma dicotómica e binária com todo o valor positivo atribuído à juventude e a uma aparência sem, ou para lá, da idade.

Sub-representação mediática

Problematizar o envelhecimento e as experiências das pessoas mais idosas leva-nos, portanto, à constatação de uma sub-representação mediática destes sujeitos.

As pessoas mais idosas não são comumente alvo de notícia e quando o são, figuram sobretudo enquanto alvos de discriminação ou enquanto vítimas. De fato, a problematização do envelhecimento como fenómeno unidimensional e homogéneo tem gerado uma representação estereotipada (DEVEREUX, 2007), por definição padronizada, desta fase da vida deixando ainda mais invisibilizadas vivências e subjetividades particulares que se afastam desta visão monolítica da pessoa idosa.

Mason, Darnell & Prifti (2010, p. 189, Tradução nossa⁵), lembram "que os media refletem e moldam a nossa cultura. Por conseguinte, a representação dos adultos mais velhos e do envelhecimento nos media pode servir dois objetivos – pode revelar estereótipos comuns que existem na nossa sociedade, e pode efetivamente ensinar ou reforçar os estereótipos existentes". É neste sentido potenciador de posicionamentos críticos dos media que nos alicerçamos para esta reflexão.

Pretende-se assim refletir sobre a atuação dos media portugueses face a esta desconstrução do estereotipo da pessoa idosa e, em consequência estimular discursos alternativos de construção de subjetividades mais diversas e inclusivas.

MÉTODO

O estudo que apresentamos pretende, através da análise de conteúdos noticiosos em jornais semanários portugueses, compreender como o envelhecimento e/ou o ser uma pessoa mais idosa é construído nos media noticiosos.

⁵ “(...) it is said that the media both reflect and shape our culture. It follows that the representation of older adults and aging in media may serve two purposes - it may reveal common stereotypes that exist in our society, and it may actually teach or reinforce existing stereotypes” (MASON, DARNELL & PRIFTI, 2010, p. 189).

Pretende-se assim não apenas objetivamente olhar aos conteúdos, mas também reflexivamente olhar a como estes permitem ou limitam representações diversas sobre o envelhecimento e a pessoa idosa.

“A participação ativa dos idosos nos domínios social, cultural, económico e político exige que se tenha uma imagem correta da terceira idade. Importa desencorajar o uso de linguagem demasiado dramática pelos meios de comunicação social e governos para descrever uma sociedade em envelhecimento” (COMITÉ ECONÓMICO E SOCIAL EUROPEU, 2013, p. C 11/17)

Procedimentos de recolha de dados

O nosso corpus de análise é composto por conteúdos noticiosos publicados em jornais semanários portugueses – Jornal Sol (Fig. 1) e Jornal Expresso (Fig. 2) – através do recurso ao Arquivo Municipal de Braga, Portugal.

Figura 1: Capa ilustrativa do Jornal Sol



Fonte: Autoria

Figura 2: Capa ilustrativa do Jornal Expresso



Fonte: Autoria

Esta recolha foi efetuada, presencialmente pela primeira autora, através da consulta das edições publicadas por estes jornais durante o período compreendido entre janeiro de 2013 e dezembro de 2014. A escolha deste período temporal reflete a tentativa de se observar possíveis alterações editoriais e repercussões ao nível dos conteúdos decorrentes das ações do ano 2012 enquanto Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações.

A recolha consistiu assim no fotografar e registar de todas as produções jornalísticas que tinham enfoque no envelhecimento enquanto fenómeno social, na velhice, ou com personagens da vida pública que possuem mais de 65 anos. Foram assim recolhidas peças

jornalísticas de 209 edições (Jornal Expresso 102 edições; Jornal Sol 107 edições), num total de 856 peças noticiosas do Jornal Expresso e 957 do Jornal Sol.

Estas peças noticiosas foram posteriormente organizadas numa base de dados olhando a vários elementos e informações relativos aos seu formato e conteúdos, mas também alvo de uma análise mais detalhada baseada nas categorias adotadas pelo projeto internacional GMMP – *Global Monitoring Media Project*.

Para esta publicação centramos a nossa análise nos conteúdos tendo como base um recorte da amostra global baseada em duas opções metodológicas preferenciais: a) presença de voz ativa; b) tema diretamente relacionados com envelhecimento.

Assim, o corpus desta publicação perfaz um total de 59 peças noticiosas: 28 do Jornal Expresso e 31 do Jornal Sol.

Método de análise de dados

A análise deste corpus final foi realizada através de análise temática de discurso (BRAUN & CLARKE, 2006), seguindo as seis fases propostas pelas autoras: 1) Familiarização com os dados; 2) Gerar os códigos iniciais; 3) Pesquisa de temas; 4) Revisão de temas; 5) Definir e nomear temas; e 6) Produzir o relatório.

Trata-se de uma metodologia qualitativa de análise de dados que se centra na identificação e narração de padrões temáticos ou temas, organizando e descrevendo de forma integrativa a informação (BRAUN & CLARKE, 2006).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A análise dos dados obtidos culminou na constituição de três temas: a) Políticas públicas e bem-estar; b) Pensões (e dívidas); c) Condições de vida e isolamento. Todos os temas se interlaçam num organizador central que destaca a (In)Visibilidade (Fig. 3).

Esta (In)Visibilidade reflete não apenas uma ausência das pessoas mais idosas dos conteúdos noticiosos apesar de centrarem os conteúdos nas suas problemáticas, mas também uma crescente (in)visibilidade destas pessoas na sociedade apesar do crescente exponencial da população com mais de 65 anos de idade. De facto, se se retirarem da análise os políticos, raramente há pessoas idosas a falar, mas há sempre alguém que fala seu nome.

⁶ Disponível em: <https://whomakesthenews.org>

Figura 3 – Mapa temático



Fonte: Autoria

Políticas públicas e de bem-estar

Neste primeiro tema congregamos os conteúdos que refletem sobre a posição do Estado face ao grupo dos pensionistas e reformados como sinónimo de toda a pessoa idosa em Portugal (fig. 4).

Figura 4: Recorte Jornal Sol, 2013



Fonte: Autoria

Este tema demonstra o enfoque que tem sido dado a estas pessoas vendo-as sobretudo como uma amalgama ou todo homogêneo que beneficia de apoios sociais. A maioria dos conteúdos noticiados que compõem este tema revelam uma tendência anual para se pensar sobre estas pessoas mais idosas. Reflexão essa que ocorre devido à apresentação e

consequentes negociações e discussões políticas e financeiras sobre o Orçamento de Estado e que, pela sua natureza, se centram muito em valores monetários e muito pouco na discussão de medidas concretas de apoio à população. Nos anos de 2013 e 2014, Portugal vivia uma crise económica tendo mesmo ficado sob o olhar Europeu num plano de redução da dívida pública e controlo do déficit financeiro. Por este motivo, são vários os conteúdos noticiados a este respeito, sobretudo quanto aos cortes nos valores das pensões de reforma (Fig. 5 e 6).

Figura 5: Recorte Jornal Sol, 2013



Fonte: Autoria

Figura 6: Recorte Jornal Sol, 2013



Fonte: Autoria

Esta visão homogeneizada das pessoas mais idosas enquanto grupo, ou mesmo linha, no Orçamento de Estado não reflete então as reais necessidades destas pessoas ou as suas experiências concretas. Figuram sempre como um grupo “peão” que pode ser usada para controlar a dívida ou para negociar aprovações do Orçamento (Fig. 7 e 8).

Figura 7: Recorte Jornal Expresso, 2013



Fonte: Autoria

Figura 8: Recorte Jornal Expresso, 2014



Fonte: Autoria

Pensões (e dívidas)

Em complementariedade do anterior, este tema apresenta uma reflexão mais concreta sobre os impactos que as políticas públicas nas vidas das pessoas mais idosas (Fig. 9 e 10).

Figura 9: Recorte Jornal Expresso, 2013



Fonte: Autoria

Figura 10: Recorte Jornal Expresso, 2013



Fonte: Autoria

Destaca-se, pois, o facto destes cortes transversais se repercutirem no aumento de dívidas das pessoas mais idosas colocando em causa as suas condições de habitabilidade, quer estando inserida em estruturas residenciais quer quando permanecem nas suas residências pessoais (Fig. 11).

Figura 11: Recorte Jornal Sol, 2013



Fonte: Autoria

De facto, as pensões atribuídas às pessoas em situação mais vulnerável são tão baixas (e ainda assim muitas vezes foram alvo de cortes e taxas) que levam estas pessoas mais idosas para o limiar de pobreza aumentando a sua insegurança, a sua fragilidade e colocando em risco as suas vidas por muitas vezes alternarem as suas decisões entre comprar comida ou a medicação de que necessitam (Fig. 12 e 13).

Figura 12: Recorte Jornal Sol, 2014



Fonte: Autoria

Figura 13: Recorte Jornal Sol, 2013



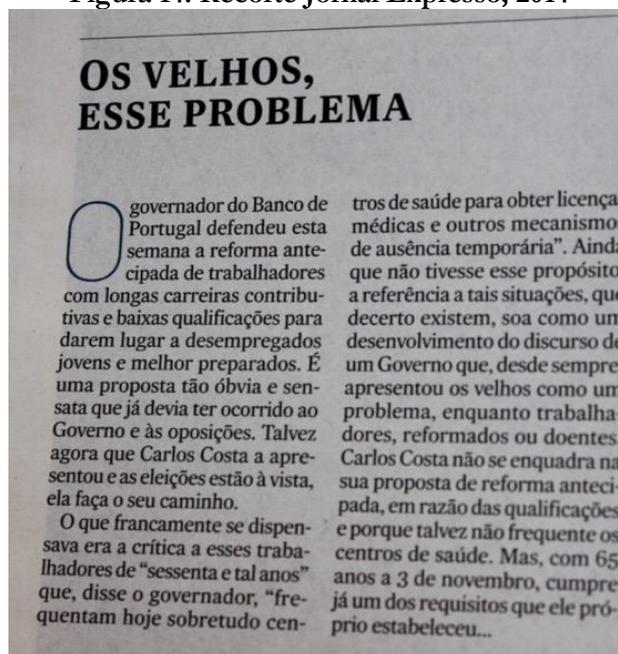
Fonte: Autoria

Este tema, remete-nos ainda para a urgência de uma reflexão mais consistente sobre o aumento demográfico da população, a longevidade e condições de vida das pessoas mais idosas.

Condições de vida e isolamento

O último tema que apresentamos remete-nos para uma reflexão mais social e macrossocial sobre a longevidade e condições de vida (Fig. 14).

Figura 14: Recorte Jornal Expresso, 2014



Fonte: Aatoria

Afastando-se necessariamente das políticas públicas e das pensões, este tema congrega reflexões menos preponderantes, mas igualmente importantes relacionadas com, por exemplo, o mundo do trabalho (Fig. 15) e a receptividade dos mercados à mudança ou reingresso laboral de pessoas mais velhas (ainda que muitas das vezes ainda afastadas da idade de reforma). Como já foi mencionado, estas situações foram, nos anos em análise, uma situação recorrente devido às flutuações ao nível da taxa de desemprego e repercussões várias da crise económica nos mercados económicos, e consequentemente na vida concreta de todas as pessoas.

Figura 15: Recorte Jornal Expresso, 2014



Fonte: Aatoria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sequência dos dados e reflexões apresentadas percebemos que esta forma de ilustrar as notícias não parece ter beneficiado de uma mudança visível resultante das recomendações europeias mandatadas no Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações.

De forma global pudemos mencionar que a nossa análise aponta para uma maior visibilidade de homens brancos. Refletindo a partir de um cruzamento adicional com a classe social, verifica-se que são os homens brancos em posições de poder ou altos-representantes de instituições que mais são noticiados e que mais frequentemente são citados (e.g. Fig. 16).

Figura 16: Recorte Jornal Expresso, 2013



Fonte: Aatoria

Pessoas mais idosas, incluindo homens brancos, que aparentem ou possuam um estatuto socioeconómico médio ou mesmo baixo, apenas são representadas em papéis sociais rigidificados que os associam a posicionamentos de vitimização, dependência e/ou deficiência. Estas pessoas permanecem na maioria sem voz e são apresentadas como exemplos da população, objetificando a sua representação e reforçando a ideia de alguma homogeneidade grupal (Fig. 17).

Figura 17: Recorte Jornal Sol, 2014



Fonte: Autoria

Existem ainda com frequência discursos que antagonizam o Nós/Adultos dos Outros/Idosos, sendo a menção dos Outros efetuada de forma pejorativa o que reifica a escassez de representações positiva e a quase ausência de discussão em torno das políticas públicas apresentadas. Em suma, mantem-se uma posição ageísta sustentada pela infantilização e atitude paternalista, bem como a caricatura ou abuso (NELSON, 2005), que penaliza e invisibiliza de forma particular as mulheres mais idosas - *gendered ageism* (WILINISKA, 2010).

O desafio parece permanecer na manutenção deste carácter reativo dos meios de comunicação que permita “refletir o leque de desenvolvimentos na cultura e opinião públicas, em vez de impor uma agenda de elite” (HODKINSON, 2011, p. 176, Tradução nossa⁷). De forma a quebrar com esta dinâmica de invisibilização e homogeneização parece-nos sobretudo importante que os meios de comunicação possam alargar a sua agenda e os seus destaques para que possam de facto aproximar-se e captar as experiências reais pessoa mais idosa enquanto cidadã/o comum. Deste movimento antecipamos dois desafios: um primeiro, que levaria os profissionais do jornalismo a questionar os estereótipos monolíticos que continuam a povoar o ideário e os receios das populações mais jovens; um segundo desafio, que levaria a repensar as representações negativas e negativistas que, por vezes, se afastam das realidades e experiências concretas de algumas pessoas mais idosas.

⁷ “(...) reflecting the range of developments in public culture and opinion rather than imposing an elite agenda” (HODKINSON, 2011, p. 176).

Claro que não ignoramos o impacto de algumas rotinas jornalísticas nos dados que analisamos. A evolução dos meios para o digital e a urgência do imediato no noticiar levaram a que muitas agências e redações se baseassem sobretudo em comunicados de imprensa em detrimento de reportagem e deslocação ao local, aumentando assim também a utilização de imagens de arquivo que limitam disponibilidades e representações imagéticas mais realistas e próximas da atualidade dos fatos.

Ainda assim, nem tudo se explica com estas alterações das rotinas. Veja-se o exemplo da pequena chamada representada em baixo (Fig. 18):

Figura 18 – Recorte Jornal Sol, 2013



Fonte: Aatoria

A legenda deste recorte é significativa,

“A cena teve lugar durante a campanha eleitoral, mas poderia funcionar como uma antecipação do futuro: Fernando Seara, duramente derrotado em Lisboa, reforma-se da política e junta-se aos velhotes num banco da cidade, acompanhado pelo seu apoiante Luís Duque. Falando mais a sério, o ar cansado de Seara revela bem a dureza da campanha autárquica”

O homem branco idoso a concorrer a uma autarquia é um candidato com visibilidade e voz, mas após ser “duramente derrotado” passa automaticamente a pertencer aos “velhotes” que habitam os bancos da cidade.

Assim, não podemos dizer que a idade e o sexo/género são apenas os nossos pontos de partida, mas são as características que mais se destacam ao longo da análise a par da classe social de pertença. Como diria Casaca e Bould (2012), vemos o género e idade como categorias sociais com representações simbólicas que, por conseguinte, modelam as expectativas sociais e os modos de vida quotidiana. Isto porque, como constatámos, a representação da pessoa idosa continua a primar pela ausência generalizada de representações

positivas que reificam, assim, uma imagem homogeneizada da pessoa mais idosa enquanto mais vulnerável ou em posição de vulnerabilidade.

Em suma, continuamos a discriminar o nosso futuro eu (NELSON, 2005) – a ser ageístas - e o impacto desta persistência não pode ser subestimado já que concretamente marginaliza vivências e subjetividades que desafiam o estereótipo e norma monolítica que lhes, nos, é constantemente imposta.

REFERÊNCIAS

- APPLEBY, Jo. Why we need an archaeology of old age, and a suggested approach. *Norwegian Archaeological Review*, v.43, p.145-168, 2010
- BRAUN, Virginia. & CLARK, Victoria. Using thematic analysis in Psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, p. 77-101, 2006. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- CASACA, Sara Falcão & BOULD, Sally. Género, idade e mercado de trabalho. In: CASACA, Sara Falcão (ed.). *Mudanças laborais e Relações de Género - Novos Vetores de Desigualdade*. Coimbra: Fundação Económicas/Almedina, 2012, p. 87-132.
- CLARKE, Laura Hurd, BENNETT, Erica V., & LIU, Chris. Aging and masculinity: Portrayals in men's magazines. *Journal of Aging Studies*, v. 31, p. 26–33, 2014.
- COMITÉ ECONOMICO SOCIAL EUROPEU. *Parecer do Comité Económico e Social Europeu sobre «O contributo e a participação dos idosos na sociedade» (parecer de iniciativa) (2013/C 11/04)*, 2013. Disponível em <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52012IE1526&from=PT>. Acesso em 07 nov. 2021
- CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, v. 1989(1), Art. 8, 2014. Available at: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>
- DEVEREUX, Eoin. (2007). *Understanding the media* (2nd ed.). London: SAGE Publications.
- HODKINSON, Paul. Decline of the national public: commercialization, fragmentation and globalization. In: HODKINSON, Paul. *Media, Culture and Society: an introduction*. London: SAGE, p.173-193, 2011.
- INE – Instituto Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico de Portugal – 2018*. Lisboa: INE, I.P., 2018.
- INE - Instituto Nacional de Estatística. *Índice de Envelhecimento Populacional*, 2020. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&contecto=pi&indOcorrCod=0008258&selTab=tab0. Acesso em 07 nov. 2021.
- MAGALHÃES, Sara Isabel. Interseccionalidade. In: MAIA, Rui Leandro, NUNES, Laura M., CARIDADE, Sónia, SANI, Ana Isabel, ESTRADA, Rui, NOGUEIRA, Cristiano, FERNANDES, Hélder & AFONSO, Lúcia (coord.). *Dicionário Crime, Justiça e Sociedade*. Lisboa: Edições Sílabo, 2016, p. 276-277.

MAGALHÃES, Sara Isabel & NOGUEIRA, Conceição. Entrecruzar do envelhecimento, do género e das sexualidades: uma introdução crítica. In: MAGALHÃES, Sara Isabel & NOGUEIRA, Conceição (eds.). *Envelhecimento, Género e Sexualidades* Coleção Debater o Social n.º55. V. N. Famalicão: Edições Húmus, 2021, p. 13-28.

MASON, Susan E., DARNELL, Emily A., & PRIFTI, Krisiola. Stereotypes and Representations of Aging in the Media. *Journal of Instructional Psychology*, v. 37, 189-190, 2010.

NELSON, Todd (2011) Ageism: The Strange Case of Prejudice Against the Older You. In: WIENER, Richard & WILLBORN, Steven. (eds) *Disability and Aging Discrimination*. New York: Springer, p. 37-47. 2011. https://doi.org/10.1007/978-1-4419-6293-5_2

NELSON, Todd. D. Ageism. Prejudice against our feared future self. *Journal of Social Issues*, v. 61, n. 2, pp. 207-221, 2005.

WILLIG, Carla. Discourse Analysis. In: SMITH, Jonathan A. (Org.), *Qualitative Psychology: A Practical Guide to Research Methods*. London: Sage Publications, 2003, p. 159-183.

WILIŃSKA, Monica. Because Women Will Always Be Women and Men Are Just Getting Older: Intersecting Discourses of Ageing and Gender. *Current Sociology*, v. 58, n. 6, p. 879–896, 2010. <https://doi.org/10.1177/0011392110376030>

Submetido em novembro de 2021.

Aprovado em dezembro de 2021.

Informações das autoras:

Sara Isabel Magalhães

Centro de Psicologia da Universidade do Porto; Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

E-mail: saramagalhaes@fpce.up.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2924-3714>

Conceição Nogueira

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto; Centro de Psicologia da Universidade do Porto

E-mail: cnogueira@fpce.up.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9152-754X>